

" (...) Sem escolas, sem academias, sem mestre, **Oru am** iniciou um caminho solitário onde sua arte o instruía e sua mão se adestrava no ato de fazer cada vez mais. É a partir daí que começa a desenvolver suas próprias técnicas, a pesquisar a química das cores, a se orientar pelas regras de restauração, que também realiza de modo empírico.

Ainda de forma não intencional, inicia um processo de parcerias. Recebe a encomenda de emoldurar um quadro, criando um tal *arremate*, que dialogasse com a obra. Esta moldura e o próprio passe-partout, tornam-se, então, novos suportes, abdicando de sua condição última de *dar acabamento*

, para subverter, assim, a antiga ordem,

o que, até certo ponto, possui um acento moderno. Neste sentido minha afirmação se aproxima da modernidade como entende Habermas, em seu discurso,

Modernidade um projeto inacabado

, ou seja,

do que se desprende de todos os laços históricos, conservando no todo apenas a oposição abstrata à tradição, à história.

Não se pode afirmar que **Oru am** interfira na obra do artista que lhe propõe o diálogo. Muitos de seus interlocutores são anônimos, outros tantos, absolutamente desconhecidos para ele. De modo igual,

Oru am estabelece o mesmo procedimento em relação ao original. A obra inicial continua autônoma, autárquica; podendo se desabrigar da moldura e do passe-partout no momento desejado por seu proprietário. Contudo, no instante em que se acoplam, inevitavelmente passam a constituir uma unidade visual.

Quando pensamos nas pinturas rupestres, onde eram registrados os animais desejados para a sobrevivência humana, nos deparamos, também com mágicas composições entre artistas que, muitas vezes, estavam mais de cem ou duzentos anos no tempo linear, mas juntos encontravam o tempo imutável, numa parceria artística que os associava perenemente. Também quando refletimos sobre a produção artística no interior dos ateliês de grandes pintores dos séculos XVI e XVII, observamos que um determinado *fundo* pintado numa grande tela, por exemplo, é atribuído a um artista que ajudou e aprendeu com o mestre que assinou a obra. O que de novo existe em

Oru am

é, inicialmente, a intencionalidade de criar com o objetivo pré-fixado de ser um com o outro, mantendo ambos, entretanto suas próprias características, por outro lado, quando ele mesmo realiza a obra, também estabelece uma relação dialógica com suas “molduras”, que se tornam extensões da tela, numa topografia nova que anula o caráter limitador daquele meio para se tornar pintura. Talvez resida aí o seu viés de modernidade.

Em sua obra, a temática dos Reinos animal e vegetal surpreende pela força e testifica o olhar do biólogo e do naturalista. O exercício da pintura codifica as cores tropicais e transforma em significantes os elementos que já constituem seu imaginário: peixes, tartarugas, orquídeas etc.

Tanto na relação anônima, quando a obra de outro é trazida à sua observação, quanto na sua própria criação, quando partes da natureza se revelam em seu esplendor e exatidão. Oru am imprime suas digitais pictóricas numa caligrafia que o isola e identifica. No mais, o abandono da lógica quando remete à técnica, predominantemente pintura acrílica, é apenas um detalhe que reforça seu autodidatismo e intuicionismo. Interessa o que se apresenta ao ato de fruição: a obra de **Oru am**."

Oru am por Angela Ancora da Luz

Escrito por Oru am

Angela Ancora da Luz

Historiadora de Arte